

Algumas Reflexões Aceleracionistas a partir de uma Comunidade Filosófica Brasileira

[Some Accelerationist Reflections from a Brazilian Philosophical Community]

Dameres Bastos Pinheiro*

Resumo: Este artigo é fruto de uma apresentação elaborada e realizada para o evento *I Encontro de Pós-Graduação em Filosofia da UnB*, que tinha como tema *Estudos filosóficos no Brasil: contribuições para construção de uma identidade coletiva*. A pergunta que move este artigo é se a discussão em torno do aceleracionismo contribuiu de alguma forma para a uma identidade coletiva. Assim, apresenta-se aqui um panorama em torno da corrente de pensamento aceleracionista a partir de pensadoras(es) da comunidade filosófica brasileira e de modo a refletir a existência e construção de uma identidade coletiva e a questão cosmopolítica.

Palavras-chave: Aceleracionismo. Estudos filosóficos no Brasil. Identidade coletiva.

Abstract: This article is the result of a presentation prepared and made for the event *I Encontro de Pós-Graduação em Filosofia da UnB*, whose theme was *Philosophical Studies in Brazil: contributions to the construction of a collective identity*. The question that moves this article is whether the discussion around accelerationism contributed in any way to a collective identity. Thus, an overview of the accelerationist current of thought is presented here, based on thinkers of the Brazilian philosophical community, in order to reflect the existence and construction of a collective identity and the cosmopolitical issue.

Keywords: Accelerationism. Philosophical studies in Brazil. Collective identity.

*Doutoranda em Filosofia na Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Filosofia pela UnB. E-mail: dameresbastos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9873-910X>.

Antes de adentrar ao escopo deste artigo e melhor compreender sua pretensão, se faz necessária uma breve introdução. O *aceleracionismo* é um termo cunhado pejorativamente pelo teórico marxista Benjamin Noys, quem primeiro identificou esta corrente de pensamento e a conceituou como uma filosofia herético-marxista cuja premissa é a aceleração das forças do Capital como meio de desterritorializar o próprio sistema capitalista, e fundamentada na perspectiva marxista de que a real barreira da produção capitalista é o próprio Capital (PINHEIRO, 2020, p. 8). A título de informação, a investigação de Noys gerou dois livros em torno desta corrente, que são *The Persistence of the Negative: A Critique of Contemporary Continental Theory* (2010) e *Malign Velocities: Accelerationism and Economics* (2014).

O reconhecimento da existência desta corrente de pensamento adveio das análises de Noys da produção filosófica e ficcional de alguns membros do grupo de pesquisa chamado *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU) (PINHEIRO, 2020, pp. 7-8), fundado em 1995 e que durou até o início dos anos 2000 (PINHEIRO, 2020, p. 117). É assim que Noys identifica uma leitura radical de textos filosóficos franceses que dão a base para esta corrente, que são *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia* (1972), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Economia Libidinal* (1974), de Jean-François Lyotard, e *Troca Simbólica e Morte* (1976), de Jean Baudrillard (PINHEIRO, 2020, p. 9), porém, após investigação foi possível identificar e acrescentar a obra de Shulamith Firestone, *A Dialética do Sexo: um estudo da revolução feminista* (1970) (PINHEIRO, 2020, pp. 58-73).

Mesmo com o fim das atividades da CCRU, em meados dos anos 2000, alguns antigos membros apropriaram-se do termo e realizaram *Simpósios Aceleracionistas* nos anos de 2010, 2013 e 2014 – em que o próprio Noys participou, como crítico à corrente – e com inclinação política de esquerda, principalmente nas figuras de Mark Fisher, Alex Williams e Nick Srnicek – estes dois últimos lançaram juntos o *Manifesto por Políticas Aceleracionistas* (PINHEIRO, 2020, p. 3). Ainda assim, Nick Land, um dos fundadores da CCRU e que radicaliza o pensamento de Deleuze e Guattari, inclinava-se politicamente para a extrema-direita, publicando o texto *Iluminismo Sombrio* (2012) e o texto *Uma introdução rápida e suja ao aceleracionismo* (2017), na qual critica o aceleracionismo de esquerda (PINHEIRO, 2020, pp. 5 e 118).

Esta divergência política mostra diferentes visões em torno do próprio conceito e agentes revolucionários da aceleração, implicando no reconhecimento

de quatro “ondas aceleracionistas”, que cobrem uma releitura de Marx, os textos da década de 1970, as atividades da CCRU na década de 1990 e a cisão política nas décadas de 2000 até meados de 2017 (PINHEIRO, 2020, pp. 27-29). Estas diferenças são percebidas, por exemplo, no conceito de Noys, visto mais acima; na perspectiva de Land, que pensa o Capital como agente da aceleração, uma vez que entende que a aceleração é a autoconsciência deste sistema; a perspectiva de Deleuze e Guattari, que pensam no fluxo esquizo como agente revolucionário; no *Manifesto por Políticas Aceleracionistas*, que preceitua a apropriação de aspectos ou plataforma do capital pela classe trabalhadora e voltados contra o próprio sistema capitalista, como o mercado e a tecnologia; o *Manifesto Xenofeminista*, do grupo feminista *Laboria Cuboniks* e influenciado pelo pensamento de Firestone, que reflete a alienação dos corpos como proposta disruptiva do sistema capitalista.

Além da cisão entre estes espectros políticos, esta corrente foi atravessada pela discussão em torno da crise climática, o que permitiu maior espalhamento em outros campos e lugares. Cita-se, por exemplo, as críticas feitas pelas teóricas Silvia Federici, na introdução de sua obra *El patriarcado del salario: criticas feministas al marxismo*, e Isabelle Stengers, em entrevista concedida à Heather Davis and Etienne Turpin em 2013¹. E o último ponto nessa breve introdução, é que o contexto de identificação da existência desta corrente se dá em meio à *virada ontológica* no cenário contemporâneo, o *realismo especulativo*, onde destaco duas figuras que também fazem parte do cenário aceleracionista, que são Ian Hamilton Grant e Ray Bressier, o primeiro era membro da CCRU mas não adepto à corrente e o segundo foi um dos editores da coletânea de textos de Land intitulada *Fanged Noumena: Collected Writings, 1987-2007* (2011), e a proposição de um inumanismo racionalista, na figura de Reza Negerestani, que também é uma das bases do aceleracionismo de esquerda, aspectos e figuras importantes para este artigo.

Uma vez compreendida a origem, conceito e contexto desta corrente de pensamento, agora passo para o interesse deste artigo, que é mostrar como uma comunidade brasileira tem refletido o aceleracionismo, mas que será feito de forma panorâmica devido as limitações de aprofundamento. Esse panorama será feito de duas maneiras, a primeira, que é o envolvimento de pensadores/as brasileiros/as na reflexão do aceleracionismo e de desdobramentos em torno do

¹Acessado em 31.05.2022: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/satelite/entrevista-matters-of-cosmopolitics-on-the-provocations-of-gaia-isabelle-stengers/>

contexto, como o realismo especulativo, a virada ontológica e o inumanismo, e a segunda, que é a localização dessa reflexão em três âmbitos: a) *discussão*, que reflete aspectos mais gerais como genealogia e introdução da discussão; b) *crítica*, que se contrapõe à corrente; e c) *apropriação*, que parte da corrente para refletir além.

É em 2012, muito provavelmente, que há o primeiro encontro de uma comunidade filosófica brasileira com o aceleracionismo, isto porque nos dias 3, 4 e 5 de outubro daquele ano foi realizado o evento *A Virada Ontológica na Filosofia Contemporânea*, pela PUC/RS, organizado pelo Grupo de Pesquisa Materialismos e pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC/RS. Noys é convidado para falar na mesa *Vida Selvagem e Ontologia do Capital* e como debatedor na mesa *A outra metafísica e a metafísica dos outros*², além de ser convidado para falar no Grupo de Pesquisa Anarchai³. Ainda participaram deste evento outros nomes que se destacam pelo envolvimento com a discussão aceleracionista, como Steven Shaviro, Moysés Pinto Neto, Hilan Bensusan e Eduardo Viveiros de Castro.

Destaca-se os nomes de Bensusan e Viveiros de Castro neste primeiro momento, uma vez que de 2013 até a atualidade, Bensusan tem se engajado sobre o aspecto tecnofílico do aceleracionismo e desdobrado o pensamento de Land, desde textos que podem ser encontrados em seu blogue pessoal à artigos, dos quais cito um em particular, *A infância das máquinas (take 1)* (2019)⁴, que apresenta tais aspectos e adentra o campo da cosmopolítica. Já no ano de 2014 é publicada a obra de Viveiros de Castro e Déborah Danowski, *Há um mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins* (2014), que se pauta pela crítica de Stengers ao aceleracionismo (VIVEIROS DE CASTRO & DANOWSKI, 2014, p. 74, nota de rodapé nº 82) e apresenta esta corrente como “herdeiro do velho espírito da Esquerda” (VIVEIROS DE CASTRO & DANOWSKI, 2014, p. 73).

Mas é nos anos de 2017 à 2021 que o aceleracionismo ganha maior destaque no campo acadêmico, posto que esta corrente já fazia parte de discussões pelas redes sociais e outros espaços há mais tempo. Pode-se dizer que as figu-

²Acessado em 31.05.2022: <https://materialismos.wordpress.com/2012/09/19/programacao-completa-do-evento-a-virada-ontologica-na-filosofia-contemporanea/>

³Noys apresentou ao grupo o texto *Cyberpunk Phuturism: The Politics of Acceleration*, ver: https://www.academia.edu/2197499/Cybernetic_Phuturism_The_Politics_of_Acceleration. E agradece à Hilan em seu livro mais específico sobre o aceleracionismo: “Hilan Bensusan was generous enough to invite me to speak in Brasilia on accelerationism and to guide me around the city.”, ver: NOYS, 2014, acknowledges.

⁴Acessado em 31.05.2021: <http://anarchai.blogspot.com/2019/10/a-infancia-das-maquinas-take-1.html>

ras centrais para esse envolvimento são Bensusan, professor do Departamento de Filosofia da UnB e coordenador do Grupo de Pesquisa Anarchai, que tinha alguns membros interessados na corrente, e Jean Pierre Cardoso Caron, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que trabalha uma perspectiva do aceleracionismo aproximada ao inumanismo racionalista e mais voltado às figuras de Mark Fisher e Reza Negarestani, cito para conhecimento sua participação como organizador e comunicador no *Colóquio Mark Fisher: Realismo Espectral*, ocorrido nos dias 24 e 25 de agosto de 2018⁵, além de também ter discentes interessados na temática aceleracionista.

É assim que em 2 de junho de 2020 é realizada uma transmissão ao vivo pelo canal *Transe* do Youtube⁶, com Bensusan e Caron, e mediada por Moysés Pinto Neto, que participou do evento da PUC/RS como dito mais acima. A *live*, intitulada *Tudo que você sempre quis saber sobre ACELERACIONISMO e não sabia a quem perguntar*, tinha como objetivo explicar sobre esta corrente de pensamento e ter um encontro mais direto com o público de dentro e de fora da academia.

Além dessa transmissão, o ano de 2020 foi bastante profícuo para a discussão desta corrente e desdobramentos de seu contexto de surgimento, pois foi publicada a dissertação *O domínio de Tamerlão: os efeitos dos presságios aceleracionistas em Marx* (2020), de minha autoria, que apresenta uma genealogia desta corrente e sendo um trabalho inaugural e introdutório do assunto, também houve a ministração do curso sobre realismo especulativo por Otávio Souza e Rocha Dias Maciel, intitulado *Metametáfísica e Filosofia da Natureza: Do Realismo Complexo até Teologias da Multiplicidade no Século XXI*⁷. Também foi realizado em novembro o evento virtual *Coloquio Cosmopolítica II: tempos de cosmopolíticas, tempos de necropolíticas*⁸, transmitido pelo canal Das Questões no Youtube, organizada pelo Grupo de Pesquisa Anarchai e a Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación da Universidad de La Plata, que teve algumas apresentações que abordaram o aceleracionismo, como Ramiro Galaraga e Cielo García, com o trabalho *Políticas de la aceleración*⁹.

⁵ Acessado em 01.06.2022: <https://www.ppgav.eba.ufrj.br/2018/08/coloquio-mark-fisher-realismo-espectral/>

⁶ Acessado em 31.05.2022: <https://www.youtube.com/watch?v=k3WQX09GGo>

⁷ Acessado em 31.05.2022: <https://semanadefilosofiauneb.home.blog/2020/01/10/minicurso/>

⁸ Acessado em 31.05.2022: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLhpD3izdSen6hPNeVES6vsK4K11w4AzBF>

⁹ Acessado em 31.05.2022 [min. 48:56]: <https://www.youtube.com/watch?v=VME9n6bDHfMlist=PLhpD3izdSen6hPNeVES6vsK4K11w4AzBFindex=11t=2968s>

Em decorrência deste evento foi realizado um volume na Revista Das Questões especial contendo algumas das apresentações, das quais destaco aquelas que se engajam na reflexão aceleracionista, como o artigo *Pensar o Nascimento: Diferença, Xenogênese e Cosmopolítica*, de Alice de Barros Gabriel, acerca da maternidade e contraponto à maternidade maquínica de Firestone e à xenogênese, ou em algum dos desdobramentos em torno do contexto aceleracionista, cito o artigo de Elzahrã Mohamed Radwan Omar Osman, *Emancipação pela expansão da inteligibilidade - ou do Programa Permanente de Colonização do Pensamento*, que apresenta críticas ao inumanismo racionalista de Negarestani a partir da decolonialidade.

Também foi dedicado um volume especial na mesma revista para tratar do aceleracionismo, intitulado *As velocidades infinitas do Capital* (2021), editado por Bensusan, Caron e Gabriel Tupinamba, e que destaco alguns artigos pelo atravessamento temático, como o de Cássia Siqueira, *A veia pragmática do Inumanismo*, que traz uma reflexão em torno do inumanismo racionalista de Negarestani, e o de Bianca de Oliveira Corrêa, *Xenos e a Mulher Negra: Pensando a partir de Escrevivências*, que traça críticas ao aceleracionismo, mas também propõe uma perspectiva próxima as questões decoloniais e raciais do xenofeminismo. No mesmo ano foram publicados o texto *Quatro Cosmogramas: cartografando as guerras contemporâneas*, de Moysés Pinto Neto, que pensa o aceleracionismo em um dos cosmogramas de guerra cosmopolítica, e a monografia de Pedro Farias Mentor, *Antes, durante e depois da aceleração*, que traz uma discussão sobre ficcionalidade e onirismo, conceituando o aceleracionismo dentro do âmbito de pesadelo ficcional, na esteira deleuzeguattariana de que o Capital é o pesadelo das máquinas anteriores.

O que se pode observar destas publicações e atividades é que o aceleracionismo e os desdobramentos de seu contexto tem sido debatido sob diversas perspectivas por uma comunidade filosófica brasileira e identificar inclinações dentro dos âmbitos traçados, de *discussão*, *crítica* e *apropriação*. Assim, no âmbito da discussão, é possível inserir minha dissertação por traçar a genealogia do aceleracionismo, o minicurso de Maciel sobre realismo especulativo, a introdução ao pensamento racionalista do teórico Negarestani feita por Siqueira e a proposição de cosmografias de guerra que ambienta o aceleracionismo em uma de suas esferas de Neto. No âmbito da crítica, é possível inserir a obra de reflete os fins do mundo de Viveiros de Castro e Danowski, a reflexão sobre a maternidade maquínica de Gabriel, a crítica à emancipação pela via racionalista de Negarestani, de Osman, e a monografia sobre onirismo e ficcionalidade, de

Mentor. E no âmbito da apropriação, é possível inserir as reflexões de Bensusan e Caron e o texto que reflete o xenofeminismo a partir da questão racial e a *escreviência* de Conceição Evaristo, de Corrêa.

E dentro desta esfera, de encontrar uma comunidade que está engajada na reflexão e debate em torno desta corrente, é possível, ainda, reconhecer um atravessamento da questão cosmopolítica. O termo e conceito de *cosmopolítica* foi elaborado pela teórica Stengers, para a proposição eto-ecológica diplomática diante da situação que nos encontramos e que colocamos todo o mundo na disputa, estamos em um ponto na história de difícil retorno ou de transformação, dito de outra forma, estamos em um momento em que a Terra não poderá mais suportar a superpopulação humana e o regime econômico capitalista explorador, i. e., é um pensamento que traz a crise climática para o centro do debate político. Stengers assim indica sua proposição dentro da via diplomática:

A diplomacia intervém usualmente entre a guerra provável e a paz possível, e tem o grande interesse de definir os potenciais beligerantes segundo o modo da igualdade. [...] A paz se faz a dois. Para que a diplomacia seja possível, é preciso que aqueles que representam os diplomatas admitam a possibilidade de alguma paz e se definam, portanto, como capazes de participar de sua invenção. Essa condição é pesada, pois ela implica uma capacidade de “consulta” quando do “retorno dos diplomatas”, a capacidade de vislumbrar, face ao que eles propõem, a diferença entre o que pode ser aceito – o que poderá impor alguma modificação a certos hábitos, mas que não destruirá aquilo que “faz sustentar”, que “prende” ou “obriga” – e o que não pode ser aceito – traição dos diplomatas. (STENGENS, 2018, p. 461)

Dentro deste conceito de cosmopolítica e suas implicações é que Bensusan articula uma identificação de partidos e seus interesses beligerantes ou diplomáticos, primeiramente observando que a cosmopolítica “is about the societies of agents in the cosmos that are involved and affected by human political decisions” (BENSUSAN, 2020, n.p.), dessa forma “The dispute has many faces and nuances [...] Accordingly, human action can alter the cosmopolitical course of events – but we can never do merely one thing.” (BENSUSAN, 202, online); e nos lembrando que, mesmo com a tomada de partidos e coalizões que encaram os dois grandes eventos que assolam a contemporaneidade – catástrofe ou anástrofe –, todavia há o Capital, como afirma:

No matter its origins, capital has a remarkable effect on the planet and eventually beyond it; its drive is to make things into merchandise and associate a price to each of them. Its epoch is the age of commodification that gradually also encompasses human bodies and human agency. In fact, capital and knowledge – commodification and danger – have much in common apart from their (partial) simultaneity: capital also makes things replaceable, paves the way towards a greater abstraction – makes labor itself abstract – while exorcizing fixity, it interferes with the existing associations because, as the nightmare of any socius, it has a *de facto* special license to care about nothing else. The two cosmopolitical events are to an important extent related; the nature of that relation is nonetheless much debated. Perhaps capital was a development internal to the very age of danger, perhaps nihilism is the commodification of things in embryo. In any case, it seems clear that we cannot mobilize any one of the two to fight against or sweep away the other. They certainly feed each other even if they had different pedigree and only casually converged. (BENSUSAN, 2020, n.p.)

Nesta esteira cosmopolítica situo o cosmograma de Neto para ressaltar o impacto da era do Antropoceno, compreendida como o ápice da intervenção humana sobre a Terra, e que norteia o debate cosmopolítico. Neto destaca o depoimento de Svetlana Aleksievitch sobre o comportamento das abelhas antes do acontecimento de Chernobyl:

O meu avô tinha abelhas, cinco colmeias. Pois as abelhas passaram três dias sem voar, nem umazinha saiu. Ficaram lá dentro das colmeias. Esperando. O avô anda para lá e para cá no pátio: ‘Que peste deu nelas? É a cólera? Aconteceu alguma coisa na natureza’. Mas foi um vizinho que nos explicou, mais tarde, depois de um tempo, que o sistema delas é melhor que o nosso, veja só, elas ouviram logo. O rádio e os jornais ainda não diziam nada, mas as abelhas já sabiam de tudo. Só no quarto dia elas saíram para voar. (NETO, 2021, online)

E Neto nos remete ao fato de que “As abelhas não são metáforas de nada. Elas são personagens em meio a este multiverso infinito de variações. Também vítimas de um mesmo acidente que destrói as condições de sobrevivência em

meio a uma zona crítica capaz de hospedar a vida.” (NETO, 2021, online).

Partindo destas considerações de Bensusan e Neto que destaco o atravessamento da temática aceleracionista, que se insere na questão cosmopolítica de modo a refletirmos seu diagnóstico, comum a todas as ondas e espectros, que é do capitalismo como o fluxo mais veloz e que deixa uma lição de que não se pode frear ou barrar fluxos (PINHEIRO, 2020, p. 130). Todavia, aqui proponho a possibilidade, numa tentativa de engajamento cosmopolítico, de refletir a seriedade desta questão a partir de uma perspectiva sobre o aceleracionismo de que é possível agenciar fluxos, como se vê a direita aceleracionista que tenta intensificar o fluxo do capital, e a esquerda aceleracionista que tenta redistribuir fluxos, esfriar, ou até mesmo disputar com um fluxo mais veloz que o próprio Capital.

É possível que o ponto que emerge de forma central nos textos de Bensusan e Neto seja refletir ações humanas em face do capital, do antropoceno e da cosmopolítica e que os agenciamentos sejam, de certa forma, comprometidos, por exemplo o aceleracionismo landiano se agencia num compromisso com o capital e em prol de um inumanismo niilista. E seguindo Bensusan, que pontua que as ações humanas são capazes de modificar esse fluxo cosmopolítico, é possível refletir sobre os compromissos dos agenciamentos presentes no aceleracionismo de esquerda, em que se percebe inclinações, mas sem desmerecem suas proposições de ações. Estas inclinações podem ser mais para o mundo humano, cito como exemplo o inumanismo racionalista, partindo da introdução de Siqueira deste pensamento e que mostra ser comprometido “com o ideário humanista somado a uma concepção pragmática e social de razão” (SIQUEIRA, 2021, p. 163); ou ter o mundo humano como referência, junto de suas espécies orgânicas e maquinicas domesticadas, mas ser mais inclinado à reflexão da natureza, cito como exemplo o xenofeminismo, que tem a questão de gênero em seu centro e relacionada com a natureza, e cito a diplomacia artificializada com a natureza de Firestone (PINHEIRO, 2021, pp. 129-137); ou ter outra inclinação, que pensa uma integração mais profunda, do cosmos com seus mundos humano, não-humano, maquinico e xeno, cito como exemplo o imanentismo de Deleuze e Guattari que se reflete uma natureza maquinica e as reflexões de Bensusan.

Após esse panorama, é possível responder à pergunta que norteia este artigo, se a discussão em torno do aceleracionismo contribuiu de alguma forma para uma identidade coletiva, com uma resposta afirmativa, pois verificou-se a exis-

tência de uma comunidade que discute o aceleracionismo de formas variadas e que permite pensar uma identidade, mas que dadas as divergências de abordagem – seja de maneira crítica, ou introdutória, ou ainda de apropriação – esta identidade, portanto, é *esquiza e dissociada*.

Referências

- BENSUSAN, Hilan Nissior. A infância das máquinas (take 1). [Online] *Anarchai Blogspot*, 09 de outubro de 2019. Disponível em: <http://anarchai.blogspot.com/2019/10/a-infancia-das-maquinas-take-1.html>
- _____. Cosmopolitical Parties in the Post-Human Age. [Online] *PLATAFORM, The New Centre for Research Practice*, 16 de novembro de 2020. Disponível em: <https://tripleampersand.org/cosmopolitical-parties-post-human-age/>
- CARON, Jean-Pierre Cardoso. zEros: Land, Sellars e o Aceleracionismo. Notas para uma política sellarsiana. In *Das Questões*, nº 6, setembro/dezembro, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18704/17422>
- CORRÊA, Bianca de Oliveira. Xenos e a Mulher Negra: pensando a partir de escrituras. In *Das Questões*, Vol.8, n.2, abril de 2021, p. 171-178. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/37650/29406>
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há um mundo por vir? Ensaios sobre medos e fins*. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie, Instituto Socioambiental, 2014;
- GABRIEL, Alice de Barros. Pensar o Nascimento: Diferença, Xenogênese e Cosmopolítica. In *Das Questões*, Vol.8, n.2, abril de 2021, p.164-170. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/das-questoes/article/view/37646/29360>
- MACIEL, Otávio Souza e Rocha Dias. *Minicurso Metametafísica e Filosofia da Natureza: Do Realismo Complexo até Teologias da Multiplicidade no Século XXI*. [Virtual] 06 e 07 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://semanadefilosofiaunb.home.blog/2020/01/10/minicurso/>
- MENTOR, Pedro Farias. *Antes durante depois da aceleração*. Monografia, Licenciatura em Filosofia, Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília, Brasília, 164 páginas, 2021.
- NETO, Moysés Pinto. Quatro Cosmogramas: cartografando as guerras contemporâneas. [Online] *Revista Dystopia*, Vol. 8, nº 1, setembro, 2021. Disponível em: <https://dystopiamag.com/quatro-cosmogramas-cartografando-as-guerras-contemporaneas/>
- OSMAN, Elzahrã Mohamed Radwan Omar. Emancipação pela expansão da inteligibilidade - ou do Programa Permanente de Colonização do Pensamento. In *Das Questões*, Vol.8, n.2, abril de 2021, p. 92-99. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/37652/29-405>
- PINHEIRO, Damares Bastos. *O domínio de Tamerlão: os presságios aceleracionistas em Marx*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília, 2020.
- _____. O projeto utópico, cibernético, socialista e eco-feminista de firestone e reflexões cosmopolíticas. In *Das Questões*, vol. 8, nº 2, abril de 2021, pp. 129-137. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/das-questoes/article/view/37651/29361>
- SIQUEIRA, Cassia. A veia pragmática do Inumanismo. In *Das Questões*, Vol. 12, n.1, junho de 2021, p.163-182. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/35371/30078>
- STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, 2018, p. 442-464.

Recebido: 29/03/2022
Aprovado: 10/04/2022
Publicado: 30/04/2022